

Informalidade avança no coração de Brasília

Mercado persa toma a Praça dos Três Poderes, onde se negocia de vale-transporte e comida a CD pirata e até se faz contrabando

João Domingos
de Brasília

O baiano José Rodrigues Trindade trabalha de segunda a sábado na Esplanada dos Ministérios, atende diariamente — e bem — cerca de 20 pessoas, mas não tem poder nenhum. Nem gabinete. Ele se abriga debaixo de uma paineira — mais conhecida por barriguda — que, nessa época do ano, oferece a seu hóspede e aos que o procuram uma fresca sombra, a 50 metros da Rodoviária central, no início da via que leva ao centro do poder, em Brasília.

Enquanto nos gabinetes refrigerados dos ministérios os burocratas queimam as pestanas para manter a inflação sob controle e cumprir as metas de ajuste fiscal acertadas com o Fundo Monetário Internacional, debaixo da sombra da barriguda Trindade passa a mão na testa para limpar o pó que o vento insiste em lhe grudar na pele, pois há 15 dias as chuvas não dão nem bom dia nem boa noite à capital. A mão suja de poeira é a mesma que vai estender a única toalha disponível para todos os que se sentam na cadeira dobrá-

vel de bar, improvisada de cadeira de barbeiro. O preço compensa. Os salões chiques cobram até R\$ 30 pelo corte; Trindade, R\$ 3, e ninguém reclama do resultado.

Aos 36 anos, pai de dois filhos, José Rodrigues Trindade é um entre os milhares de trabalhadores que tocam a economia informal no quadrilátero de 3,8 quilômetros de extensão entre a Torre de TV e a Praça dos Três Poderes. Não há estimativa de quanto circula por essa economia que funciona à margem do poder e depende de seus gabinetes, porque entra pelas portas principais dos ministérios, dos Palácios, do Poder Judiciário e do Legislativo. Lá se instala, se movimenta e se recicla.

Levando-se em conta que a rede da economia informal que circunda o poder tem agiotas, vendedores de jogo do bicho, comerciantes de vale-refeição e vale-transporte, compradores de cheques pré-datados, fornecedores de refeições e bebidas alcoólicas, revendedores de laticínios e biscoitos, de roupas caras e baratas, lingeries, CDs piratas, de frutas da estação ou importadas, de sapatos,

tênis, guarda-chuvas, aparelhos de telefone celular, quinquilharias e eletrônicos e um incalculável número de produtos, a movimentação financeira deve ser grande.

Socorro Alves, de 37 anos, saiu da Paraíba há 12. Mora no Novo Gama, cidade-dormitório que fica do lado goiano da fronteira do Distrito Federal. Nos dias úteis ela trabalha como faxineira numa escola pública, com salário de R\$ 220 mensais. Nos fins de semana, junta toda a família — marido e dois filhos — põe na Kombi que comprou por 36 prestações mensais de R\$ 260 e segue para Brasília com caixas de isopor vazias. No caminho, passa num hipermercado e compra cerveja, água e refrigerante, e vai para a Torre de TV, onde nos sábados e domingos funciona uma feira de artesanato.

Enquanto os gabinetes do poder se fecham e a caneta Montblanc (que ele jura ser falsa) do ministro Pedro Malan, da Fazenda, descansa, Socorro trava uma divertida luta com os fiscais que atuam na Torre de TV. Como é proibido vender bebida alcoólica na torre (existe no local a crença de que bêbados poderiam tentar o suicídio do mirante da torre, de mais de 70 metros de altura), ela fica atrás de uma linha imaginária traçada pelos próprios fiscais. Se os vigias viram as costas, ela avança com a caixa de isopor; se se voltam, ela recua. Assim, nesse vai-vem, ela consegue vender suas latinhas de cerveja e juntar o dinheiro para pagar a prestação da Kombi, superior ao seu ganho regular.

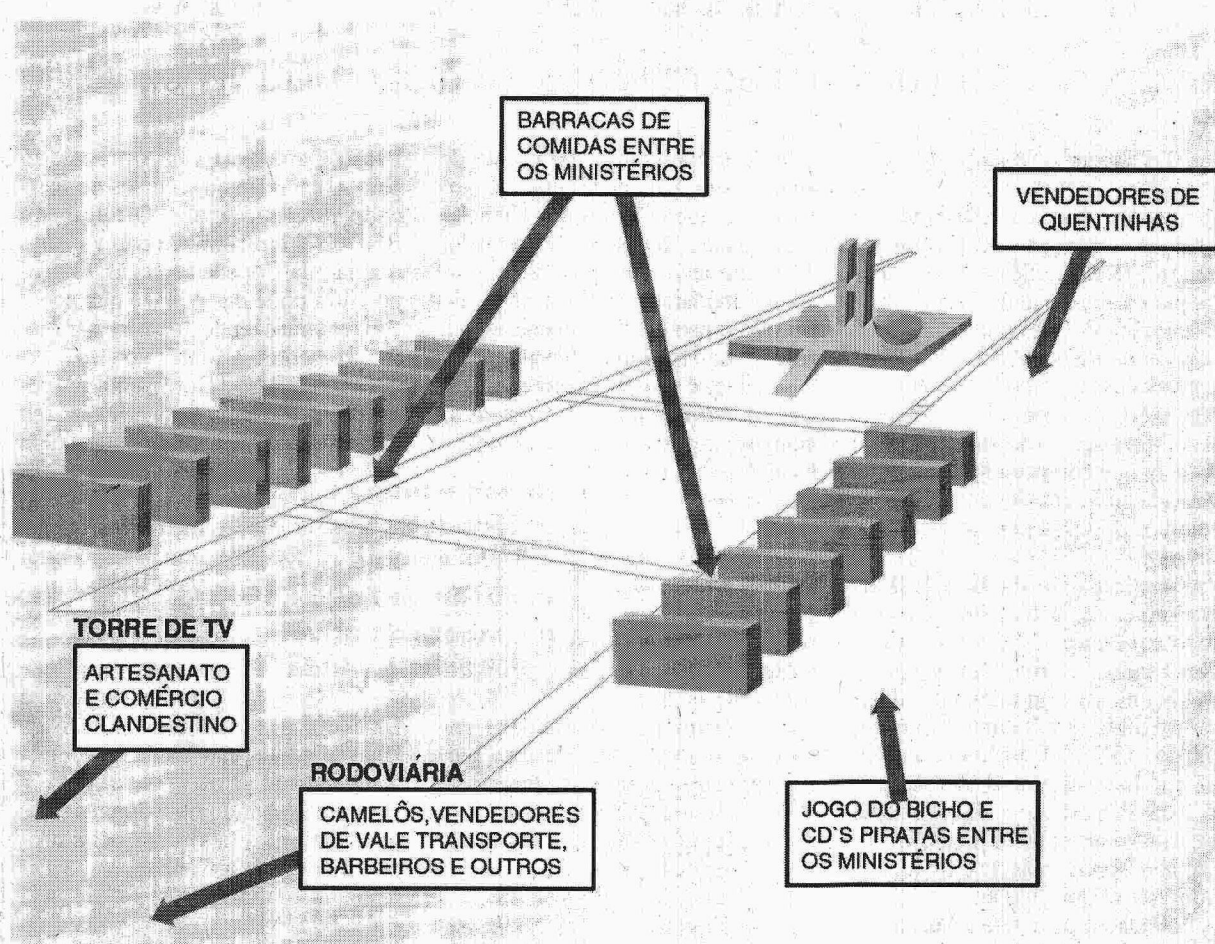
A política administrativa do governador Joaquim Roriz (PMDB), que inclui até hoje a farta distribuição de lotes para os migrantes, atraiu mais de um milhão de pessoas para Brasília desde 1989. Como a cidade não tem condição de garantir trabalho para todo mundo, Brasília transformou-se em paraíso da informalidade. Existe até uma Feira do Paraguai, que vende como se fossem regulares os produtos contrabandeados de Ciudad del Este.

Quem entrar em qualquer ministério encontrará nos quadros destinados aos avisos gerais classificações de venda de bancas na Feira do Paraguai e anúncios de viagens para Foz do Iguaçu. Se caminhar um pouquinho pela Esplanada dos Ministérios vai encontrar algumas banquinhas de produtos contrabandeados nas laterais dos prédios. Quem tiver paciência de permanecer por uma hora no corredor de qualquer ministério ficará sabendo que, além da papelada, circulam por lá vendedores de pães, calcinhas, sutiãs, anéis, porcelanas, pratarias e jóias em ouro 21 quilates.

E quem visitar o belo Palácio do Itamaraty, onde funciona o Ministério das Relações Exteriores, poderá ter acesso a produtos de todo o mundo, e da melhor qualidade. O quadro de avisos do restaurante anuncia de tudo: tapetes persas, carros importados, porcelanas da China, Indonésia, Tailândia e Vietnã, geladeiras norte-americanas, televisões japonesas. Não se trata de contrabando nem de algum representante da Feira do Paraguai. Geralmente são produtos das casas de diplomatas transferidos do Brasil para outro país, que não tem como levar os bens.

Se muitos dos migrantes vão dando um jeito na sua vida miserável e, devagar, conseguem comprar veículos e construir sua casa em lotes doados por Joaquim Roriz, há também os que fazem o caminho inverso. Como o casal Roberto Cândido, de 46 anos, e Marfízia Helena, de 37. Eles foram trazidos do Ceará para Brasília pelos ex-senadores Cesar Cals e Virgílio Távora, ambos mortos. Ocuparam cargos de confiança nos gabinetes dos políticos, ascenderam socialmente, tiveram apartamentos funcionais e, depois entraram em decadência; perderam os empregos e o imóvel.

Alugaram apartamento na Asa Norte de Brasília, tiveram dificulda-



des para pagar o aluguel, mudaram-se para a cidade-satélite do Guarã e hoje estão em Valparaíso, cidade que, como o Novo Gama, fica do lado goiano da fronteira. Sem emprego, Roberto e Marfízia passaram a vender comida em quentinhas para os amigos que fizeram nos tempos em que trabalharam no Congresso Nacional.

O tempero agradou e Roberto acabou fundando o Buffet do Robertão, estabelecido em dois guardas-sóis montados todos os dias na calçada em frente ao Anexo 4 da Câmara, onde ficam os gabinetes dos deputados. A família acorda de madrugada, faz pratos diversos à base de carne-de-sol, carne assada e de panela, pernil e costelinha de porco, põe tudo no Voyage de Roberto e corre para Brasília. Como a freguesia é garantida, Roberto nem se preocupa mais em chegar cedo, porque a concorrência entre os vendedores de quentinha é muito grande. Ele oferece a possibilidade de pagamento mensal, o que eleva o preço do prato de R\$ 3 para R\$ 3,50. Com isso, segura os clientes e arranja novos, especialmente brasileiros que traba-

ham nas embaixadas estrangeiras.

Roberto queixa-se da época das eleições. Segundo ele, é o pior tempo para seus negócios, porque os deputados e senadores vão embora para seus estados e levam a metade dos funcionários. E, sem o chefe por perto, a outra metade tem o hábito de não aparecer para trabalhar. É claro que, assim, o consumo de refeições cai. Em tempos bons, de muita votação no Congresso, ele vende até 150 quentinhas por dia; em tempos de eleição, de 70 a 80.

Outra que conta com o tempo bom e o ruim para suas vendas é José Ferreira de Souza, de 29 anos, dois filhos, nascida em Esperantina, Piauí. Ela seguiu o mesmo caminho de praticamente 100% dos migrantes pobres que se mudam para Brasília. Primeiro, um barraco em alguma invasão, até que o governante doasse um lote. No caso de José, sua primeira morada em Brasília foi a Invasão da Estrutural, um aglomerado de gente que nasceu nas proximidades da Via Estrutural (que liga Brasília a Taguatinga) no início dos anos 90 e que só foi retirada depois

de muita briga e violência policial.

Jôse conta que época boa para vender seus queijos, biscoitos, farofas temperadas e farinha é a do pagamento dos servidores públicos. Sua banca fica entre os prédios dos Ministérios do Trabalho e da Saúde. Ela nunca foi importunada pelos fiscais. Recebeu um aviso apenas: sua presença seria tolerada, desde que não pusesse toldo sobre a barraca.

Por isso é que todos os dias o marido de Jôse, um feirante proprietário de uma kombi, vai até a Esplanada dos Ministérios recolher a mulher e o que sobrou. No dia seguinte, de madrugada, e repetindo uma rotina de boa parte dos comerciantes da Esplanada, toda a família dedica-se a fazer os biscoitos, a temperar a farofa e a ralar os queijos, de modo que, logo pela manhã, a barraca esteja novamente montada.

Jôse ganhou um lote na cidade-satélite Recanto das Emas, uma das várias criadas por Joaquim Roriz para abrigar os migrantes, que ele logo transformou em seus eleitores. Não conseguiu ainda erguer um centímetro de tijolo da sonhada residência. Mora, como na velha Estrutural, embaixo de um barraco de lona preta. Mas vai juntando o dinheiro no seu comércio informal, tão perto do ministério que tem por finalidade, entre outras coisas, de cuidar das Carteiras de Trabalho.



José Rodrigues Trindade